

Que todos tenham pão!

**(Décimo sétimo domingo do Tempo Comum – 25.7.2021)**

Amadas irmãs e amados irmãos em Cristo, que todas e todos vocês estejam em paz!

No décimo sétimo domingo do Tempo Comum do ano em curso, a leitura evangélica aborda o conhecido episódio da multiplicação dos pães, uma das poucas narrativas que se repetem, com muita similitude e de forma detalhada, nos quatro evangelhos canônicos. Evidencia-se a compaixão de Cristo pela humanidade, desejando saciar sua fome biológica e também a “fome” de amor, de liberdade, de justiça, de esperança e de paz. Igualmente, fica claro o convite que nos faz para o auxiliar na partilha do “pão”, alimento para o corpo e para o espírito, com todos os seres famintos, sem escolhas prévias ou exclusões.

Vamos ler o citado episódio e, em seguida, refletir juntos a respeito.

Depois disso, atravessou Jesus o lago da Galiléia (que é o de Tiberíades). Seguia-o uma grande multidão, porque via os milagres que fazia em beneficio dos enfermos. Jesus subiu a um monte e ali se sentou com seus discípulos. Aproximava-se a Páscoa, festa dos judeus. Jesus levantou os olhos sobre aquela grande multidão que vinha ter com ele e disse a Filipe: Onde compraremos pão para que todos estes tenham o que comer? Falava assim para o experimentar, pois bem sabia o que havia de fazer. Filipe respondeu-lhe: Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um receba um pedaço. Um dos seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe: Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes... mas que é isto para tanta gente? Disse Jesus: Fazei-os assentar. Ora, havia naquele lugar muita relva. Sentaram-se aqueles homens em número de uns cinco mil. Jesus tomou os pães e rendeu graças. Em seguida, distribuiu-os às pessoas que estavam sentadas, e igualmente dos peixes lhes deu quanto queriam. Estando eles saciados, disse aos discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca. Eles os recolheram e, dos pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram, encheram doze cestos. À vista desse milagre de Jesus, aquela gente dizia: Este é verdadeiramente o profeta que há de vir ao mundo. Jesus, percebendo que queriam arrebatá-lo e fazê-lo rei, tornou a retirar-se sozinho para o monte. (Jo 6,1-15)

Muitos se atêm ao significado literal da Sagrada Escritura, em seu contexto histórico, cultural e geográfico, especialmente no que concerne aos milagres realizados por Jesus e narrados pelos evangelistas.

Em que pese a importância de tais sinais, todos levados pelo infinito amor do Cristo Jesus pela humanidade, alimentando os famintos, aliviando a dor dos sofredores, curando os doentes e, até mesmo, ressuscitando os mortos, vamos conduzir nossas reflexões sobre a narrativa acima apresentada ampliando nosso foco, tentando abrir nossa mente e nosso coração para as revelações divinas que poderemos nela encontrar.

Aplacar a fome de alguém, apesar de ser um evidente ato de bondade que o próprio homem deveria incluir em seu cotidiano, por mais simples e óbvio que possa parecer, ainda é algo muito desejado, necessitando ser rotineiramente introjetado no seio da humanidade. Jesus, no episódio em tela, por amor, por compaixão, repartiu o pão e aliviou a fome de muitos. Uma ação, aparentemente simples, mas que ainda não a rotinizamos em nossa vida.

Apesar de milhões de famintos no mundo, muitos chegando a morrer de fome, mesmo perplexos e com um sentimento de lamento, mas não de compaixão, assistimos passivamente tal acontecimento. Gasta-se muito mais em armamentos para matar o próximo do que para alimentar os desvalidos. E o mundo, atônito, acaba tomando partido de um dos lados dos conflitos, mas muito poucos, efetivamente, mobilizam-se para redirecionar, pelo menos parte desses gastos, para alimentar aqueles que mal conseguem se levantar por causa da fome que lhes consome. Chegamos a ficar aliviados de nossa culpa pela condição de abastados, ao darmos migalhas que nos sobram aos necessitados que chegam próximos de nós, pois o deslocamento maior para irmos até eles não nos é possível pela “falta de tempo e de oportunidade”, belas justificativas para esconder nossa falta de disposição e interesse. Ajudamos, quando muito, a quem está próximo, com o que nos excede, enquanto os que estão distantes, além do nosso campo de visão, sequer chegam a incomodar nossa consciência – é algo que “não nos compete”, está “fora de nossa responsabilidade”.

Qual a obrigação que tinha Jesus com aquela multidão faminta, além de seu amor incomensurável por cada um deles? E nós, quando apregoamos nossa cristandade, alegando a busca de nos assemelharmos a Jesus em sua vida encarnada neste mundo? Buscar seus ensinamentos e seu exemplo, sem que os convertamos em prática de vida, jamais nos fará um verdadeiro cristão, no máximo um simpatizante pelas obras e orientações do Cristo Jesus.

Pois bem, além da compaixão infinita de Jesus pelos necessitados, mobilizando-se à concretude da ação de alimentá-los, Ele o fez por intermédio da ajuda dos seus discípulos. Solicitou a eles que buscassem o que dispunham, mesmo que pouco, ou quase nada diante da multidão, mas servia, sempre serve. Em todas as condições é possível dividir, repartir o que se tem, objetivando compartilhar com nossos irmãos. Sempre é possível ajudar quem necessita, mesmo que se disponha de muito pouco.

Por intermédio dos discípulos, Jesus repartiu o pão, deu, do pouco que dispunha, a quem nada tinha, e assim o fez com tamanho amor que, além de alimentar os famintos, sobrou muito mais do que se tinha antes, para que se pudesse utilizar, posteriormente, com outros necessitados.

Não deve haver limites para a compaixão com o próximo. O amor é a única coisa no mundo que, ao ser aplicado, não diminui, pelo contrário, multiplica-se com o uso. Do pouco que se tem, muito se pode dar, e quanto mais se dá, maior é a quantidade disponível para se ofertar.

Vejam que extrapolamos o pão físico. A revelação evangélica ultrapassa os limites da fome física. Levemos o ensinamento com a passagem de hoje para além da concretude do alimento do corpo. Percebam que a multiplicação dos pães nos revela, não apenas o alimento físico que se multiplicou pela compaixão de Cristo pela humanidade, mas também a possibilidade e a importância de multiplicarmos o amor pelos nossos irmãos, por maiores que sejam nossas amarguras, apesar de todas as nossas limitações.

O pão multiplicado, além do alimento do corpo, representa o alimento do espírito, sendo distribuído, por solicitação de Cristo Jesus, pelos discípulos, grupo esse que nos inserimos, ao reconhecermos em nós a essência cristã.

Ser cristão, ser discípulo de Jesus, vai muito mais além de rituais e celebrações religiosas. Necessariamente, envolve ações cotidianas, atitudes diárias discipulares, a busca contínua de imitarmos Jesus em sua natureza humana. Ao orientar seus discípulos a darem de alimento para os famintos, de corpo e de espírito, mesmo com a ínfima quantidade de pão disponível (pão da vida), aparentemente incompatível com a necessidade, não se limita aos discípulos presentes naquele momento, tampouco aos famintos que lá se encontram, nosso Senhor apontava o caminho para todos os que desejam segui-lo – dispor do que têm, mesmo sendo pouco, e sempre compartilhando com os que necessitam. Certamente, tal atitude terá sua bênção, propiciando que repartir o disponível seja suficiente para todos, havendo, inclusive, após a partilha, a sobra para que mais e mais pessoas possam se beneficiar.

Que nós saibamos repartir o que temos com nossos irmãos, tanto bens materiais, como espirituais. Não por obrigação, ou por expiação relacionada a faltas preteritamente cometidas, tampouco para conquistar “olhares” melhores do Altíssimo, mas por verdadeira compaixão, sem qualquer intencionalidade egoística, por puro amor que, em essência, se encontra em todos os seres. Assim, fatalmente, tais bens serão multiplicados.

Cuidado, esse caminhar não aponta para os benefícios materiais que poderemos ter com a repartição dos bens. Não estou me referindo a uma possível prosperidade material em decorrência de compartilharmos o que dispomos. Estou falando da multiplicação do que temos e, com isso, a possibilidade de ajudarmos a muito mais do que poderíamos imaginar. É a multiplicação do alimento, do corpo e da alma, para que possamos, apesar das aparentes limitações, avançar no apoio de um maior número de pessoas, comparado a nossa expectativa inicial.

Incluamo-nos dentre os discípulos do Cristo Jesus e busquemos seguir suas orientações como tal, em especial, no compartilhar com o que temos, mesmo sendo pouco, com aqueles que têm menos do que nós.

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre na vida de vocês!

Milton Menezes.